

# O PODER DA CARIDADE



2091

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

---

# O PODER. DA CARIDADE

---

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BAHIANA  
Praça José de Alencar, 19  
(Antigo Pelourinho) Tel. 3-58-48.  
Salvador-Bahia

---

Suplemento de  
Medicina-Revista

# O PODER DA CARIDADE

Quando passou pelo mundo  
Jesus o filho de Deus  
Mostrou diversos milagres  
Salvando os devotos seus  
E eu vou mostrar um deles  
Agora nos versos meus

Havia um pobre caboclo  
Num sofrimento penoso  
Além da ignorância  
Era fraquinho e medroso  
Porém tinha uma bondade  
Era humano e caridoso

Vivia com a esposa  
Sem ter riqueza nem nome  
Dizia qu'a caridade  
É o pão que o pobre come  
Dava esmola a quem pedisse  
Embora passasse fome

Perto ao caboclo morava  
Um grande rico moderno  
Dizia: eu não dou esmola  
Nem mesmo ao Pai Eterno  
Ele com pobreza e tudo  
Vão se estourar no inferno

Porque eu não acredito  
Que Deus ajude ninguém  
S'Ele tem fôrça apareça  
E mostre o poder que tem  
Eu só acredito n'Ele  
Quando me fizer um bem

Porém Alfredo, o caboclo  
Não seguia seu partido  
Dizia que acreditava  
No Messias Prometido  
Por isso era caridoso  
Como Deus era servido

Vicente o Capitalista  
Respondia: Oh! caviloso  
Você faça caridade  
Que eu vou ser criminoso  
Quero ver como se salva  
Sem dinheiro um caridoso

Alfredo então retrucava:  
— Não dou valor a dinheiro  
Só creio na caridade  
Dum coração verdadeiro  
Que reconheça na vida  
Jesus como timoneiro

Até que Alfredo um dia  
Já vencendo a timidez  
Se dirigiu à cidade  
Send'esta a primeira  
Lá pela sua inocência  
A Cristo um convite fez

Ele nunca tinha visto  
A imagem de Jesus  
E quando entrou na igreja  
Viu sôbre embaçada luz  
Um corpo cheio de sangue  
Apregado numa cruz

Nisso entrou um conhecido  
Ele disse: Oh! Nicolau  
Me diga quem diabo foi  
Que teve o gênio tão mau  
De pegar aquêle pobre  
E apregar naquele pau?

Nicolau lhe disse: Alfredo  
Aquêle é o Salvador  
Jesus filho de Deus vivo  
Nosso amado redentor  
Que morreu para salvar  
Todo e qualquer pecador

Alfredo disse: E quem foi  
Que fêz aquilo com êle?  
Nicolau disse: Foi Judas  
Que era discipulo dêle  
O vendeu por trinta pratas  
Por não acreditar nêle

Alfredo olhande inda disse:  
—Se eu pegasse êsse inimigo  
Matava êle três vêzes  
Porém Jesus é amigo  
Agora vou convidá-lo  
Para almoçar comigo

Triste, inccente chegou  
Perto do santo tremendo  
Ajoelhou-se rezando  
A Jesus se oferecendo  
Na santa concentração  
Ouviu o Cristo gemendo

Levantando os olhos disse:  
— Senhor pelo vosso nome  
Eu venho vos convidar  
Para matar vossa fome  
Vamos almoçar comigo  
Comida que pobre come?

Ao ver dêlé Jesus Cristo  
Dessa maneira falou:  
— Eu aceito o seu convite  
Porque precisado estou  
Amanhã ao meio dia  
Pode esperar que eu vou

Alfredo foi para casa  
Mandou a mulher matar  
Uma galinha que tinha  
Para com Cristo almoçar  
No outro dia na hora  
Começou a esperar

Com pouco chegou um cego  
E pediu uma esmola  
Alfredo disse à mulher:  
— Tudo a um pobre consola  
Dê a êle um pedacinho  
Da galinha na sacola

A mulher foi e tirou  
Um pedaço da galinha  
Quando o ceguinho comeu  
Com um pouco de farinha  
Agradeceu e saiu  
Por uma estrada que tinha

Dai a pouco minutos  
Um aleijado chegou  
Tornou a pedir esmola  
Alfredo a mulher mandou  
Tirar outro pedacinho  
Da galinha que matou

A mulher tornou tirar  
Outro bom pedaço e deu  
O aleijado sentou-se  
E com farinha comeu  
Depois deu graças a Deus  
E a esmola agradeceu

Despediu-se e foi saindo  
Porem no mesmo momento  
Foi chegando outro mendigo  
Aleijado e ferido  
Cego, sujo, mudo e surdo  
Era o rei do sofrimento

Só fêz estirar a mão  
Mostrando a fome que tinha  
Alfredo chama a espôsa  
E disse: Vá a cozinha  
Dê a êste novamente  
Um pedaço da galinha

Disse a mulher: Dessa forma  
Quando o tal Cristo chegar  
Já a galinha acabou-se  
Não tem o que se almoçar  
Só vou dar a êste agora  
A ninguém mais posso dar

Mas Alfredo respondeu  
—Aqui todo pobre come.  
Enquanto tiver galinha  
Ninguém sairá com fome  
Porque o que Deus me deu  
Não há na terra quem tome

Porém não veio mais ninguém  
Alfredo não almoçou  
Até às quatro da tarde  
Por Jesus Cristo esperou  
Quando resolveu saber  
Porque foi qu'Ele faltou

Assim seguia à cidade  
Lá na hora que chegou  
Caminhou para a igreja  
E lá entrando avistou  
Jesus no mesmo lugar  
Irritado perguntou

Senhor porque me enganaste?  
Não fôste almoçar na hora  
Estou morrendo de fome  
Esperai até agora  
Vim saber porque não pude  
Suportar mais a demora

Jesus disse: Eu fui três vêzes  
E você mesmo que diga  
Tôdas vêzes comi bem  
Na sua morada amiga  
Gostei da sua comida  
Porque enchi a barriga

Alfredo muito espantado  
Disse: E como eu não vi?  
Só mesmo se o senhor foi  
Ao depois que eu sai  
Ou foi transformado em outro  
Que vi e não conheci?

Jesus repetiu dizendo:  
—Lá estive como cego  
Outra vez como aleijado  
Assim minha cruz carrego  
Inda como um ferido  
Fui outra vez e não nego

Alfredo disse: Eu me lembro  
Que mandei a mulher minha  
Oferecer três esmolas  
De tudo qu'agente tinha  
Assim o senhor serviu-se  
A três vêzes da galinha

Jesus lhe disse: É verdade  
A caridade compensa  
Quando é feita por amor  
E do jeito que se pensa  
Pelo que você me fez  
Eu vou dar-lhe a recompensa

Ainda hoje você  
Quando em casa chegar  
Encontrará tanto ouro  
Que não tem com que gastar  
E daqui até morrer  
Não há quem possa acabar

Alfredo muito contente  
Agradeceu soluçando  
E saiu com muita pressa  
Quando em casa foi entrando  
Viu uma ruma de ouro  
E a mulher pastorando

A mulher o vendo disse  
Fazendo cara de chôro:  
—Marido cõrra depressa  
E veja que desadôro  
Me diga para que diabo  
Nós queremos tanto ouro?

Agora vamos viver  
Ricos e passando bem  
Porém aqui não se dar  
Mais uma esmola a ninguém  
Da minha casa não sai  
Para mendigo um vintém

O homem disse: Mulher  
A sua ideia está fora  
Agora é que eu dou esmola  
Com fé em nossa Senhora  
Eu dava quando não tinha  
Quanto mais que tenho agora

Na casa que eu governo  
Sem comer não sai ninguém  
Inda que seja preciso  
Eu ir pedir a alguém  
Pedirei a quem tiver  
Para dar a quem não tem

Quanto mais que não precisa  
Na minha vida opulenta  
A riqueza que possuo  
Quem deu pode dar noventa  
E eu dando a todo mundo  
Quanto mais der mais aumenta

Vá à casa de Vicente  
E diga por desafôro  
Que me empreste a medida  
P'ra eu medir meu tesouro  
Porém peço que não diga  
Que é para medir ouro

A mulher correu depressa  
Ao rico deu o recado  
Porém o capitalista  
Ficou impressionado  
Disse consigo: O que é  
Que Alfredo tem guardado?

Porém foi ver a medida  
Com vontade de sorrir  
E passou sabão dum lado  
Para poder descobrir  
O que era que Alfredo  
Tinha que ia medir

Mas o outro não deu fé  
Da trama que o rico fêz  
Mediu o ouro que deu  
De medidas vinte e seis  
Depois mandou a mulher  
Ir levar com rapidez

Porém não deu fé que foi  
U'a moeda pegada  
No sabão nem a mulher  
Viu porque ia vexada  
O rico vendo a moeda  
Botou o pé na estrada

Chegou e disse: Rapaz  
Como melhorou de vida  
Onde arranjou tanto ouro  
Que precisou de medida  
Foi roubado ou foi "botija"  
De alguma alma perdida?

Alfredo que era tólo  
Contou o que aconteceu  
Só não disse das esmolas  
Que aos três mendigo deu  
O rico sabendo tudo  
Para a cidade correu

Seguiu dizendo consigo: \*  
— Agora é que fico bem  
Jesus deu a quele bêsta  
Que não tinha um só viatém  
A mim Ele vai da ouro  
Que dar para encher um trem

Quando chegou na cidade  
Para a igreja marchou  
Fêz o convite a Jesus  
Da forma qu'êlé pensou  
Ao ver dêle também  
Jesus com gôsto aceitou

De volta chegando em casa  
Mandou logo preparar  
Um banquete suntuoso  
Dois perus mandou matar  
Dez galinhas e um boi  
Para Jesus almoçar

Comprou um barril de vinho  
Duas caixas de cerveja  
E disse: Quando Jesus  
Chegar precisa que veja  
Que na minha casa Ele  
Come e bebe o que deseja

Assim ficou esperando  
Que chegasse o Salvador  
Quando viu chegou um cego  
Que lhe pediu com amor:  
—Dê-me uma esmola em nome  
De nosso Pai Criador

Vicente ficou danado  
Assim que avistou êle  
Saiu empurrando o pobre  
Botou os cachorros nêle  
Os cães saíram rasgando  
Tirando pedaços dêle

O cego saiu as quedas  
E os cães no mocotó  
Deixando longe voltaram  
Vicente na porta só  
Foi chegando um aleijado  
Que quem visse tinha dó

Disse: Pêlo amor de Deus  
Dê-me uma esmola, patrão  
Vicente com tôda ira  
Deu no pobre um empurrão  
E estumou os cachorros  
Sem a mínima compaixão

O aleijado correu  
Com os cachorros rasgando  
Cai aqui, cai acolá  
E o bandido estumando  
Atê que os cães voltaram  
Êle estava gargalhando

Com pouco mais chegou outro  
Mendigo todo ferido  
Esse nem pediu esmola  
Porque o rico bandido  
Estumou logo os cachorros  
Antes de ouvir o pedido

Esse saiu novamente  
Pelos cães sendo rasgado  
Vicente ficou sorrindo  
Em ver o pobre chagado  
Correr caindo e gemendo  
Com o corpo ensanguentado

Depois disse: uma esmola  
Eu não dou por desafôro  
Pobre, cego e aleijado  
De mim só recebe "couro"  
Só dou comer a Jesus  
E é para me da ouro

Porém chegou quatro horas  
E Jesus não foi chegada  
Vicente com muita raiva  
Foi à cidade vexado  
Saber qual foi o motivo  
De Jesus lhe ter faltado

Chegando lá perguntou  
Jesus disse num gemido:  
—Eu estive lá três vêzes  
Porém não fui atendido  
Você botou-me os cachorros  
Veja como estou ferido

Vicente disse: Esperei-o  
Até contando os segundos  
Porém só vi três mendigos  
Feridentos e imundos  
Não creio que o senhor fôsse  
Um daqueles vagabundos

Jesus disse: Pois fui eu  
Coberto naqueles véus,  
Quem fizer bem a um déles  
Não se senta com os réus  
É mesmo que está fazendo  
A meu Pai que está nos Céus

Porém siga para casa  
Humilde e resignado  
Que encontra a recompensa  
Do seu maldito pecado  
Mas sofra com paciência  
Que um dia é perdoado

Vicente saiu correndo  
Ao chegar foi avistando  
O gado correndo doido  
O pasto se incendiando  
A casa pegando fogo  
E tudo seu se acabando

Só escapou a família  
O mais desapareceu  
Até o ouro que tinha  
No fogo se derreteu  
Escravos e animais  
O que não fugiu, morreu:

Ele disse: Não tem nada  
Ainda estou a vontade  
Foi a Alfredo e vendeu  
A sua propriedade  
Por três medidas de ouro  
E foi morar na cidade

Ficou em uma pensão  
Porém uma certa hora  
Entrou um ladrão no quarto  
Roubou tudo e foi embora  
Bem cedo o dono da casa  
Botou-o de porta a fora,

Ficou Vicente na rua  
No mais tremendo soírer  
Com a mulher e os filhos  
Fazia pena se ver  
Dormindo pelas calçadas  
Pedindo para comer

Com um ano e poucos meses  
Alfredo foi à cidade  
E lá encontrou Vicente  
Implorando a caridade  
Disse: Dê-me uma esmola  
Por nosso Deus de bondade

Alfredo compadecido  
Foi pedir ajoelhado  
Para Jesus perdoar  
Aquêlê grande pecado  
Ouviu uma voz dizer:  
—Ele já está perdoado

Deves agora ajudá-lo  
Já que tu confias nêlê  
E aquela mesma fazenda  
Que já pertenceu a êle  
Deves dar-lhe de presente  
Pra ser o arrimo dêle

Alfredo voltou e disse:  
—Jesus já te perdoou  
A fazenda que foi tua  
Com todo gôsto te dou  
Podes ir pra tomar conta  
Teu tormento se acabou

Vicente tomou um choque  
Que caiu numa calçada  
Levantou-se inda tombande  
Com a fala atrapalhada  
Perguntou: Isso é verdade  
Quê estás com caçada

Alfredo disse: Eu não brinco  
Estou dizendo a verdade  
A fazenda é tua agora  
Com tôda propriedade  
Receba como presente  
Do poder da caridade

Eu tenho para viver  
Ainda duas vivendas  
Cem casas de aluguel  
Dois armazens e três vendas  
Dinheiro, eu tenho que dar  
Para comprar dez fazendas

Vicente com a familia  
Regressou no mesmo dia  
Recebeu sua fazenda  
Com tudo que existia  
Nunca mais negou esmola  
Quando um pobre lhe pedia

Alfredo pegou Vicente  
Levou-o à felicidade  
Muito embora que sofresse  
Em si a perversidade  
Isto é para quem merece  
Deus mostra a quem não con-  
hece  
A fôrça da caridade.

F I M

7562

Já estão à venda as hilariantes historias que  
satisfará ao mais exigente leitor!

*De MANOEL D'ALMEIDA FILHO:*

- «O Poder da Caridade»
- «A Mulher que não negava o amor de Deus»
- «Jesus e S. Pedro na casa dos Pobres»
- «A Afilhada da Virgem da Conceição»
- «A Beata Santa, ou o falso Cristo»
- «O Exemplo de um Servo de Deus»
- «O pai que quiz casar com a Filha»

*De RODOLFO COELHO CAVALCANTE:*

- «O Homem que virou Mulher»
- «As Aventuras e Proezas de Bocage»
- «A Moça que virou Cavallo»

*De ANTONIO ALVES DA SILVA:*

- «Maria Besta Sabida»
- «O Principe Perdido no Deserto»
- «Clarindo, o Mascate Endiabrado»
- «A Encruzilhada do Amor»
- «As Palhaçadas de João Errado»
- «Os Quatro Amigos Valentes»
- «Entre o Amor e o Perigo»
- «Amor de um Principe Valente»

*De AUGUSTO FERRALUSO:*

- «Sacrificio de Mãe»
- «Amor, Ciume e Loucura»
- «A Historia da Princeza Corina»
- «A Tragedia Brutal»
- «O Socio do Diabo»

*De E. DE SOUZA:*

- «O Mundo de Cabeça para Baixo»

À venda com descontos especiais para Revendedores na TIPOGRAFIA E LIVRARIA BAHIANA — Pr. José de Alencar, 19, (Pelourinho) - Salvador-Bahia

Leia e propague: MODINHA -REVISTA - Uma revista de modinhas?

SNB